

## SUJEITOS DA MISSÃO, OU SUJEITOS NA MISSÃO? Conceitos que Fazem Diferença

Márcio Fabri dos Anjos\*

### Resumo:

Depois de *dialogar* com alguns filósofos e estudiosos tendo presente a temática do *sujeito*, o autor pôde extrair diferentes matizes úteis deste conceito. Com isto em mente, amplia a reflexão relacionando estas ideias com o conceito de *sujeito em missão* tendo presente especialmente, as ambiguidade das e nas relações com o *outro*. Por fim, de um modo sintético – e tendo como pano de fundo *sujeito da missão* e *sujeitos na missão* – o autor apresenta o desafio de ao mesmo tempo anunciar a Palavra e ser aprendiz dela, e além do mais, diante da Palavra também *presente no outro*.

**Palavras-chaves:** Missão: sujeitos; Sujeitos da Missão; Subjetividade.

### Abstract:

From the ideas of some philosophers and scholars bearing in mind the theme of the *subject*, the author was able to extract some useful different nuances of this concept. Using this as a anthropological tool, he magnifies reflection by relating these ideas with the concept of *subject in mission* having in mind especially, some possible ambiguity of the relations with the *other*. Finally, synthetically – and against a backdrop of *subject of mission* and *subject in the mission* – the author presents the challenge of simultaneously to announce the Word and to be her apprentice (*disciple*) and besides, in front of the Word also present in the *other*.

**Key Words:** Mission: subjects; Mission's subjects; Subjectivity.

O uso da expressão *sujeitos da missão* tem sido bastante frequente no discurso teológico e pastoral. Mas o sentido em que tem sido usado nem sempre tem sido claro. Chama a atenção particularmente a pluralidade dos sujeitos e as diferentes qualidades de suas atuação que ali muitas vezes subentendidas. A relação dos *sujeitos* com a *missão* também exige esclarecimentos específicos sobre questões como o tipo e qualidade da interação que exerce, sua autonomia e semelhantes aspectos implicados no seu desempenho.

Este breve estudo assume este tema com o intuito de contribuir para uma melhor compreensão teológica e pastoral nas afirmações e correspondentes propostas em termos de *sujeitos da missão*. Usando uma aproximação interdisciplinar, recolhemos neste ensaio em um primeiro momento alguns conceitos colhidos de alguns pensadores antigos e modernos vindos de espaços não teológicos; em seguida procuramos lançar bases teológicas. Trata-se de uma aproximação introdutória que visa iluminar o entrelaçamento entre os conceitos de *sujeito* e *missão* que integram atualmente várias propostas de teologia e pastoral missionárias.

### 1. CONCEITUANDO O SUJEITO

O conceito de *sujeito* parece inicialmente claro, mas o fato de se prestar a múltiplos usos e já ter sido apontado por alguns pensadores como inútil, mostra que merece aprofundamento. Faremos para isto um breve recurso à sua etimologia e em seguida aos usos a que se abre.

### 1.1 **Sujeito: o nome de predicados**

Embora a etimologia do termo *sujeito* seja latina (*subjectum, subjacere*), a densidade de sua origem conceitual está bem mais clara na Filosofia grega através do termo *hypokeimenon*. Sua primeira conceituação clara é dada por Aristóteles que afirma: *sujeito é aquilo de que se pode dizer qualquer coisa, mas que por sua vez não pode ser dito de nada*.<sup>1</sup> O filósofo exemplifica como o material e a forma, com que se constitui uma estátua, encontram nela a referência de seus atributos. Assim o *sujeito* é a realidade à qual se atribuem *predicados*. Nesta direção os Estoicos assumiram este conceito como a *denotação do significado*; e os Epicureus igualmente o tomaram no mesmo sentido. Esta atribuição conceitual ao *sujeito* leva ao uso gramatical da distinção entre sujeito e verbo, enquanto o *sujeito*, chamado pelos antigos como *nome*, reúne os atributos por referência aos quais se faz a declaração, ou *verbo*. Esta compreensão também encontra na filosofia grega antiga.

Este conceito básico, expresso pela Filosofia grega, é incorporado no pensamento medieval como o expressa com clareza Santo Tomás de Aquino,<sup>2</sup> ao chamar a substância de *subjectum* ou *suppositum* para referir que a ela inerem as qualidades ou outros predicados. Nesta linha se encontram também os outros pensadores da época como Duns Scotus, e mesmo Guilherme de Occkham.

Note-se que esta conceituação permite o uso do termo *sujeito* sem prévia seleção de predicados. Por isto, em várias línguas como o Inglês, Francês, Italiano, entre outras, se emprega o termo *sujeito* no sentido de *objeto* ou tema de fundo, ou mesmo o assunto, por exemplo, de uma conversa. Enquanto portador de predicados, todo *objeto* pode ser posto como *sujeito*. Por isto é muito importante ressaltar o sentido seletivo com que o termo *sujeito* passa a ser empregado por referência aos seres inteligentes e especificamente aos seres humanos. Neste passo se torna relevante observar quais características do *humano* se quer ressaltar quando se fala *sujeito*. Parece-me que aqui se coloca uma questão iluminadora para todo discurso sobre o *sujeito*, particularmente ao referi-lo à *missão*.

### 1.2 **O ser humano sujeito e subjetividade**

No pensamento kantiano, a capacidade cognoscitiva e consciente é ressaltada ao falar do *sujeito humano*, como se vê em algumas de suas formulações: *Em todos os juízos sou sempre o sujeito determinante da relação que constitui o juízo*.<sup>3</sup>

Mas a contribuição do pensamento dialético, particularmente com Hegel, colocará outro realce conceitual no *sujeito* ao aproximá-lo do *objeto*. Chama a atenção para a condição de *movimento* em que se dá o *sujeito* pelo que constitui *efetivo*: *Tudo depende de se entender e expressar o Verdadeiro*

não somente como *Substância*, mas de maneira igualmente decidida como *sujeito* [...] *A substância viva é o ser, que na verdade é sujeito ou — o que dá na mesma — é o ser que na verdade é efetivo, mas somente na medida em que a substância é o movimento de pôr-se a si mesma ou é a mediação do vir a ser outra consigo mesma.*<sup>4</sup> Assim dirá também que o *sujeito* é a *atividade da satisfação dos impulsos, da racionalidade formal, vale dizer, é a atividade que traduz a subjetividade do conteúdo (que sob esse aspecto é fim) na objetividade em que o sujeito se conjuga consigo mesmo.*

Levando o conceito de *sujeito* às dimensões espirituais que caracterizam o humano, Gentile sugere que o *sujeito* se dá a conhecer na sua atividade objetiva: *a realidade espiritual objeto do nosso conhecimento não é espírito e fato espiritual, mas pura e simplesmente espírito, como sujeito. Como tal, ela só é conhecida na medida em que sua objetividade se resolve na atividade real do sujeito que a conhece.*<sup>5</sup>

Esta linha de atribuição levou a negações aparentemente radicais sobre a relevância do conceito de *sujeito* como o faz Wittgenstein ao dizer: *se eu escrevesse um livro 'O mundo como encontrei', deveria falar também de meu corpo, e dizer quais as partes dele obedecem à minha vontade e quais não etc., o que seria um método de isolar o sujeito ou de mostrar que, em sentido importante, não há sujeito. Com efeito, não se poderia falar dele sozinho nesse livro.*<sup>6</sup> Entretanto se percebe que o ponto em questão é ter presente que predicados ou atributos se subentendem ao se dizer *sujeito*.

Heidegger ressalta no ser humano sua característica de ser capaz de ir além do si mesmo (*il y a*) no mundo: *Se para o ente que nós somos e que definimos como ser-aí for escolhido o termo sujeito, poderemos dizer: a transcendência implica a essência do sujeito, é a estrutura fundamental da subjetividade. Não que o sujeito exista antes como sujeito e depois, no momento em que alguns objetos se revelem presentes, ele possa até mesmo transcendê-los. Ser sujeito significa ser existente na transcendência e enquanto transcendência.*<sup>7</sup>

Dewey ressalta a dimensão da atividade cognitiva na referência à subjetividade humana ao dizer que: *Uma pessoa, ou — mais genericamente — um organismo, torna-se sujeito cognoscente em virtude de seu empenho em operações de investigação controlada.*<sup>8</sup> Para ele, a *subjetividade* humana anterior à atividade cognoscente é conceito metafísico não verificável empiricamente.

Nesta abreviada visão é relevante notar como se abrem três grandes ênfases: a primeira, mais genérica, assume conceito *sujeito* para se referir ao conjunto de predicados ou atribuições de uma realidade; outra se concentra sobre a realidade humana para enfatizar no *sujeito humano* seus predicados de ser cognitivo e volitivo; outra se abre, particularmente, com Hegel e o marxismo, às concepções dialéticas pelas quais o *sujeito humano* se situa no movimento das transformações de seus próprios atributos e do seu mundo exterior. A esse ponto, embora conceitualmente não redutível, o *sujeito humano* se aproxima bastante do *agente* e ganha uma importante interface no conceito de *práxis*.

### **1.3 Sujeitos adjetivados e o âmbito de suas relações**

Com os elementos até aqui apresentados se torna mais clara a razão pela qual o *sujeito* é tão frequentemente acompanhado de um adjetivo. Estes inúmeros adjetivos explicitam em geral o âmbito em que se coloca a subjetividade, ou injunções de uma de suas características (por exemplo: *sujeito humano; individual; sensível; psicológico*).

Dentre as inúmeras possibilidades que aqui se abrem, parece importante ressaltar algumas adjetivações que se referem ao âmbito das relações sociais em que se situam os *sujeitos*. A distinção entre *sujeitos individuais* e *sujeitos coletivos* se reveste de particular importância quando se trata de associar o *sujeito* à *missão*. Mencionados dentro das relações sociais, os *sujeitos* carregam necessariamente atributos relativos aos âmbitos de sua atuação. Abrem-se as análises sobre a qualidade da interação entre esses diferentes *sujeitos*. O estruturalismo de Durkheim, o marxismo e Weber, entre outros, ressaltam em tal distinção, cada qual a seu modo, a importância crescente dos *sujeitos coletivos* sobre os *sujeitos individuais*: *o sujeito individual vai pouco apouco perdendo seu espaço no pensamento marxiano. Vão se confirmando sujeitos coletivos determinados pelas estruturas sociais, estas, por sua vez, determinadas pelo modo de produção.*<sup>9</sup>

Em nossos tempos, os estudos se ocupam com outros enfoques, buscando uma interação mais estreita entre os *sujeitos individuais* e os *sujeitos coletivos*.<sup>10</sup> Mesmo porque as subjetividades individuais se referem a *sujeitos* dotados de criatividade e assim capazes de contribuir na construção dos *sujeitos coletivos*. Esta concepção é assumida nos espaços teológicos e pastorais em nosso contexto: *Em uma sociedade complexa com altos níveis de estruturação institucional, as decisões humanas nunca têm um caráter puramente individual; são, ao invés, de modo mais consistente o resultado decisivo de fatores sociais e culturais que influenciam o sujeito e produzem, por sua vez, resultados que vão além dos sujeitos para assumirem valências sociais e culturais. Responsabilidades individual e coletiva terminam, portanto, por estarem se cruzando entre si e interagindo de forma cada vez mais complexa e articulada.*<sup>11</sup>

Nesta relação *sujeito-sociedade*, colocada na história do pensamento em termos de *subjetividade-objetividade*, abre-se uma janela que importa considerar mais de perto neste momento: a *missão*.

## 2. SUJEITOS EM MISSÃO

O tema da *missão*, naturalmente central na Missionologia, conta com abundante bibliografia teológica. A este ponto do estudo, nossa contribuição se centra em recolher alguns aportes filosóficos sobre o conceito de *missão* na medida em que se entrelaça com o tema *sujeitos da missão*. Outras áreas de conhecimento, entre muitas a Psicologia, Sociologia, Psicologia Social, Ciências Políticas e Ciências da Religião, teriam preciosas e interessantes contribuições que não cabem aqui. O ponto de convergência desse passo modesto é subsidiar uma percepção teológica mais crítica desta expressão.

### 2.1 A *missão* como condição humana

Parece indispensável lembrar antes de tudo que a base antropológica da *missão* consiste na condição humana de ter que constantemente *sair* e se movimentar dentro da inexorável marcha da história. O próprio modo de nascer implica em uma transmissão da vida e um *envio* à *missão* de enfrentar o desafio de viver. George Bataille explica esta condição como uma necessidade existencial de sair em busca de sobrevivência.<sup>12</sup> Coloca três espaços fundamentais desta busca: alimentos e instrumentos; relações; sentidos e significados.

Embora Bataille não profira este movimento existencial em termos de *missão*, não é difícil perceber aqui seus componentes básicos: o *envio* e a *tarefa* de buscar meios indispensáveis à sobrevivência. Isto permite dizer que a *missão* é primeiramente uma condição humana da qual não se escapa. Vivemos na condição existencial de *mísseis* lançados para a vida e em constantes *automições* em busca do sobreviver. Parece ser este o sentido da definição de Heidegger, citada anteriormente, colocando a *transcendência* na essência do sujeito humano. Parece necessário situar a leitura teológica sobre esta condição primeira, especialmente em tempos de pluralismo, na medida em que esta se propõe como condição comum a todos.

## **2.2 Encruzilhada ao sujeito ético na missão: o outro sujeito**

Qual o *dever ser* do sujeito em sua condição existencial de missão? Esta questão ética está nos fundamentos da sabedoria de vida buscada pelas mais diferentes culturas. Particularmente o encontro como o *outro sujeito*, ser vivo e semelhante, interpela sobre o sentido da *missão* e o objetivo de suas tarefas. Entre possibilidade ou ameaça, problema ou solução, ajuda ou clamor por ajuda, ali estão diferentes *sujeitos* significando encruzilhadas éticas para as tarefas da *missão*.

Abrem-se aqui incontáveis propostas e sistemas de ética, cuja exposição não cabe neste estudo. Mas gostaria de lembrar aqui a contribuição de três pensadores modernos que explicitamente incluem conceituações de *sujeito* e *subjetividade* na formulação de suas propostas: Emanuel Lévinas, Michel Foucault e Alain Touraine.

O pensamento de Lévinas ficou caracterizado como ética da *alteridade*.<sup>13</sup> A complexidade do seu pensamento não cabe em poucas palavras e por isto seu aprofundamento remete para a leitura de seus textos originais, particularmente *Totalidade e Infinito*<sup>14</sup> e seus analistas que nos abreviam o caminho das leituras.<sup>15</sup> Aqui anotamos umas poucas afirmações que nos parecem essenciais para iluminar nossa tema em questão.

A *subjetividade* para Lévinas marca sua proposta de ruptura do sujeito humano com os limites da ontologia. Nesta o ser se assume como *totalidade*, pela qual a saída de si mesmo se abre facilmente como uma incursão devastadora sobre o *outro*. Como *totalidade* o sujeito é destrutivo do *outro* e caminha para a dissolução do *si-mesmo*. Diante disto propõe a *subjetividade* como *ex-cedência*, saída do *si-mesmo* e realização no *face-a-face* com o *outro*. Assim, na intersubjetividade e não na interindividualidade, os sujeitos encontram a responsabilidade pelo *outro* e a própria liberdade. A ética da *subjetividade* proposta por Lévinas é uma sabedoria do amor, uma filosofia do amor.<sup>16</sup>

O aporte crítico ao tema *sujeito da missão* contido no pensamento de Lévinas é radical enquanto coloca o desafio de superar uma visão ontológica dos sujeitos. Lança também a suspeita de que o *sujeito* posto como ontologia saia em *missão* em uma postura fundamental de se aproximar do outro como uma busca do *si mesmo*, pensamento largamente desenvolvido a seguir por Paul Ricouer.<sup>17</sup>

A contribuição principal de Michel Foucault para nosso tema consiste certamente em situar a *subjetividade* em chave do jogo de poder nas relações.<sup>18</sup> Ele reflete sobre a *subjetivação* dos sujeitos dentro de um grande processo de *objetivação* da verdade ou *veridicções*: *a história crítica do pensamento não é uma história das aquisições nem das ocultações da verdade; é a história da emergência dos jogos de verdade: é a história das veridicções, entendidas como formas pelas quais se articulam, sobre um campo de coisas, discursos capazes de serem ditos como verdadeiros ou falsos.*<sup>19</sup>

Assume a partir daí dois enfoques para considerar a subjetividade: uma que analisa como se formam diversos *jogos de verdade* através dos quais o *sujeito* é posto como objeto de conhecimento. São particularmente preciosas neste sentido, entre suas inúmeras obras: *História da loucura*,<sup>20</sup> *O nascimento da clínica*,<sup>21</sup> e *Vigiar e Punir*.<sup>22</sup> No outro enfoque, ele procura estudar a constituição do *sujeito* como objeto para ele: *trata-se da história da subjetividade, se entendermos essa palavra como a maneira pela qual o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de verdade, no qual ele se relaciona consigo mesmo.*<sup>23</sup>

Uma das contribuições de Foucault para nosso tema está certamente na crítica ao sistema de *objetivação* da verdade, ou *veridicção* com seu correspondente processo de *subjetivação*, que neste caso se torna impositivo na constituição das subjetividades. Em *Vigiar e Punir* ele faz referência explícita a este processo ao comentar a moral sexual católica, suas formas de classificar os pecados sexuais e o sistema de culpa e perdão implicado no sacramento da penitência. Sua crítica não se dirige ao conteúdo e razões religiosas da moral sexual, mas ao processo de constituição das subjetividades que decorrem do seu modo de as propor. Em poucas palavras, fica a interrogação de como o *sujeito da missão* ser ou não alguém que simplesmente entra no jogo das verdades e cumpre uma tarefa de *subjetivação* dos sujeitos.

A contribuição de Alain Touraine diante das análises de Foucault se interroga como dar passos construtivos na vida social, para a constituição das subjetividades na liberdade.<sup>24</sup> Estuda a fundo a relação dos sujeitos individuais e sujeitos coletivos, e dentro destes os sujeitos sociais; e aproxima estreitamente a constituição da *subjetividade* da construção da democracia. *A idéia de democracia, para Touraine, não se materializa unicamente no conjunto de garantias institucionais e formais, mas sim representa a luta dos sujeitos, na sua cultura e sua liberdade, contra a lógica dominadora dos sistemas sociais. Nessa concepção, resulta importante que os sujeitos protejam sua memória e que possam combinar o pensamento racional, a liberdade pessoal e a identidade cultural. Dessa maneira, a democracia deve tratar de seguir dois caminhos: por um lado, criar espaços para a participação cada vez mais perceptíveis e, por outro lado, garantir o respeito às diferenças individuais e ao pluralismo.*<sup>25</sup>

Embora extremamente sintética, esta menção coloca em pauta a interrogação sobre os sujeitos sociais implicados no *sujeito da missão*; o projeto político implicado nesta *missão*; e obviamente o modo como se dá o desempenho de seus *sujeitos* na sociedade plural e diante de *sujeitos outros*.

### 3. SUJEITOS DA MISSÃO OU SUJEITOS NA MISSÃO: APROXIMAÇÃO TEOLÓGICA

As anotações até agora foram feitas no sentido de subsidiar uma compreensão do entrelaçamento entre *sujeito* e *missão*. Esta aproximação teológica que agora fazemos explora apenas os aspectos levantados anteriormente, supondo fundamentos da Teologia da missão, que são mencionados apenas na medida do necessário para esclarecer sua relação com os sujeitos.

O termo *missão* se aplica em diferentes áreas da atividade humana, bem além dos espaços religiosos. Nas organizações institucionais a *missão* é formalizada dentro de um planejamento cada vez mais pensado e calculado. Mas é interessante que as atuais teorias sobre o planejamento estratégico definem a missão como a *razão de ser* da instituição ou empresa, sendo o porquê e o para quê ela própria existe; a partir de sua razão de ser, ela se organiza e se projeta numa *visão de futuro*, e assume *objetivos estratégicos* ou metas *dentro do tempo* planejado por etapas.

Esta identificação entre *missão* e *razão de ser* encontrada em teorias da organização e planejamento encontra na visão cristã uma formulação teológica de grande densidade. E estimula de certa forma a perceber certos aspectos da compreensão dos *sujeitos* na missão, entre os quais o ponto nevrálgico parece estar na identificação do *sujeito* com a *missão*. Esta reflexão é antiga na Teologia Cristã e tem sua expressão contundente na teologia joanina do quarto evangelho, em que o Enviado de Deus é sua Palavra, o Verbo.

Em seu tratado de missionologia, Hermann Brandt lembra as afirmações de Lutero sobre a *missio Dei*, em que o *sujeito da missão* é o *próprio Deus*:

*O impulso missionário se baseia no impulso da própria palavra de Deus. Ela está dirigida a todos os povos. O Evangelho não está depositado, mas é movimento vivo. Isso implica, ao mesmo tempo, que o Evangelho, o Reino de Cristo é que são os verdadeiros agentes. No tocante à noção de que a missão seria em primeiro lugar uma realização de indivíduos ou instituições, isso representa uma troca de sujeitos. O sujeito da missão é o próprio Deus em sua palavra.<sup>26</sup>*

Este fundamento se torna o critério radical para avaliar o desempenho dos sujeitos individuais e coletivos na missão que se pretenda cristã. Na missão cristã o *sujeito* é portador existencial da Palavra, o Verbo de Deus. Embora referido apenas a presbíteros, e bem antes de se tornar o papa Bento XVI, Josef Ratzinger, já em 1969, assume esta mesma compreensão teológica para se referir de modo contundente à tarefa da *missão*:

*Essa tarefa de ser enviados por Jesus exige do sujeito não só certa maneira de agir, mas também o toca no seu próprio ser. Ser padres e viver em estado de missão significa ser-enviados. Quer dizer que para o sacerdote o seu ser-para-um-outro tem*

*uma importância constitutiva. Quem aceita uma missão não pertence mais a si mesmo. E isso por duas razões: ele é expropriado em favor daquele que ele representa, mas também em favor daqueles diante dos quais ele o representa. Viver em estado de missão comporta uma laceração na própria existência. E também aqui em duas frentes. Precisa deixar o lugar a quem envia e não preocupar-se com a própria pessoa, deixando-a fora do jogo, não anunciar a si próprios nem apropriar-se da palavra que se comunica, mas abrir o caminho e o espaço a outros, sempre disponíveis a diminuir para que os outros cresçam.*<sup>27</sup>

Mas o contexto desse texto do Papa (!) é um discurso sobre o sentido do ministério presbiteral e que, portanto, não pode reduzir a missionariedade evangélica a presbíteros, ou por concomitância a agentes pastorais oficiais. Algumas leituras nesta direção se somaram, como sabemos, por uma redução das figuras neotestamentárias de *apóstolos* e *discípulos* aos ministérios de clérigos. Hoje se retoma com mais clareza, especialmente no *Documento de Aparecida*, a compreensão mais ampla dos *discípulos/as* como todos os seguidores/as do caminho de Jesus. Mas para essa compreensão ampla muito contribui a sintética expressão de que aos sujeitos da missão não cabe *não anunciar a si próprios nem apropriar-se da palavra que se comunica*.

Pelo que vimos nas aproximações conceituais ao termo *sujeito*, as relações entre seres humanos se dá necessariamente entre diferentes *sujeitos*. Isto significa que o *sujeito missionário*, ao não anunciar a si mesmo nem ser dono da palavra que visa comunicar, está renunciando a se impor aos sujeitos com os quais se relaciona. Sua postura é então interativa. É um sujeito capaz de reconhecer os diferentes sujeitos com os quais entra em relação. Leva a Palavra, mas não pode ter a arrogância de se imaginar sendo o que a possui, e que ao mesmo tempo os sujeitos com os quais se relaciona não a experimentam ou expressam.

Uma formulação sintética e pastoral mostra a missão confiada na *missio Dei* a todas as pessoas batizadas: *Os sujeitos da missão são todos os batizados, uma vez que discipulado e missão são como as duas faces da mesma moeda. Os destinatários são todos os povos, desde as pessoas que moram perto até os que vivem nos países mais distantes.*<sup>28</sup> O problema desta formulação está na configuração do *sujeito missionário* que é colocado diante de *destinatários*, que por sua vez aparecem como destituídos daquilo (a *Palavra*) que traz o *sujeito missionário*.

Esse ponto compreende dois aspectos distintos: o primeiro é se um *sujeito* pode ter uma *Palavra* (no sentido teológico) que outros *sujeitos* não experimentem. Parece não haver dúvida sobre isso, pois pela condição humana todas as pessoas somos limitadas, progressivas e aprendizes. Diz o ditado: *vivendo e aprendendo!* Por isto não só possível, mas é fundamental comunicar o que de bom experimentamos, para possibilitar o bem aos outros. Nesse ponto o problema não está na possibilidade de levarmos algo de novo, mas na ingenuidade ou arrogância de supor que os *sujeitos* com os quais nos relacionamos sejam realmente despossuídos de bens similares. Especialmente as diferenças culturais e as assimetrias sociais se prestam



para dificultar o reconhecimento desses bens. Então cabe ao *sujeito missionário* entrar nos relacionamentos de *missão* totalmente aberto ao reconhecimento do *outro*.

Isto leva ao segundo aspecto: as atitudes com que o *sujeito missionário* desempenha a *missão*. A *missão* desenvolvida de modo evangelicamente ético não será impositiva, mas interativa. O *sujeito missionário* se fundamenta na condição de *missionário discípulo*, que se sabe portador da *Palavra*, mas que ao mesmo tempo não deixa de ser *aprendiz* dela. O despojamento da pretensão de ser mais que os *outros* abre caminho ao *sujeito missionário* para perceber e reconhecer as riquezas e os limites dos interlocutores no que se refere à *Palavra* de Deus que é vida a se anunciar e partilhar. Cresceu em nossos dias a consciência sobre as diversidades culturais e o que elas significam, facilitando com isto o reconhecimento da diferença que existe entre o *espírito* da *Palavra* e a diversidade de formas e particularidades de que ela se reveste.

### CONCLUINDO

Por tudo isto, o caráter prático e marcado pelo dinamismo da ação, que está na expressão *sujeito da missão*, deve ser corrigido e completado pelo reconhecimento de que se trata sempre de *sujeitos na missão*. É possível mencionar os *sujeitos da missão* enquanto aquelas pessoas que tomam a iniciativa de sair de si e dirigir-se ao *outro*. Mas o exercício da *missão*, do ponto de vista evangélico cristão, se dá sempre no encontro entre *sujeitos*, um encontro respeitoso diante de suas autonomias, diferenças e particularidades. Caso contrário, a *missão* se tornaria comparável ao envio de um míssil destinado a dominar e em grande parte destruir o *outro*.

Assim, uma condição do *sujeito missionário na missão* é dar-se a conhecer, mostrar as convicções de sua fé através de suas ações (Mt 5,16), de sua postura ética (1Pd 2,12), bem como dizer as razões de suas esperanças (1Pd 3,15). Mas é igualmente condição indispensável *ouvir*, abrir-se à compreensão do *outro* em suas particularidades, com a disposição de também aprender.

A nova condição de pluralismo em que vivemos vem tornar mais agudas e exigentes estas duas condições. Na *missão* cristã lidamos sempre com autonomias a serem levadas em conta. Não se trata de abdicar da própria identidade e das próprias convicções, mas de fazer delas uma interação respeitosa com o *outro* que também é sujeito de identidade e de convicções. As transformações socioculturais dos novos tempos trazem não poucas dificuldades para a necessária compreensão das diferentes linguagens existenciais das novas gerações que emergem em tais transformações. A conceituação de *sujeitos* pode ajudar na atenção que este tema merece.

\*Doutor em Teologia, licenciado em Filosofia; professor no ITESP, pós-graduação em Missiologia; docente e pesquisador do C. Universitário São Camilo, programa de doutorado em Bioética; sacerdote redentorista.

<sup>1</sup> Cf. ARISTÓTELES, *Metafísica*, VII, 3,1028 b 36.

<sup>2</sup> Cf. TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, I, q. 29, a. 2;

<sup>3</sup> Cf. E. KANT, *Crítica da Razão Pura*, Dial. transcendental, II, cap. 1

- <sup>4</sup> Cf. G. W. F. HEGEL. *Phänomenologie des Geistes*, Pref., II, 1
- <sup>5</sup> Cf. G. GENTILE. *Teoria generale dello spirito*, 1920, 11, § 3.
- <sup>6</sup> Cf. L. WITTGENSTEIN. *Tractatus*, 1922, 5.631.
- <sup>7</sup> Cf. M. HEIDDEGER. *Vom Wesen des Grundes*, 1929, II; trad. it., p. 30
- <sup>8</sup> Cf. J. DEWEY. *Logic*, 1938, p. 526
- <sup>9</sup> Cf. C. A. T. MAGALHÃES, *Estrutura e sujeito em Durkheim, Marx e Weber*. Belo Horizonte, 1993, p.9 disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/18664044/Estrutura-e-sujeito-em-Durkheim-Marx-e-Weber-Carlos-A-T-Magalhaes> (20/02/2013)
- <sup>10</sup> Cf. L. ESCÓSSIA – KASTRUP, V., *O Conceito de Coletivo como Superação da Dicotomia Indivíduo-sociedade*. *PSICOLOGIA EM ESTUDO*, (2005), 10(2), p. 295-304.
- <sup>11</sup> Cf. G. PIANA, *Libertà e responsabilità*. In: COMPAGNONI, G. – PRIVITERA, S. (Eds.), *Nuovo dizionario di teologia morale*, p. 673, (tradução nossa).
- <sup>12</sup> Cf. G. BATAILLE, *Uma teoria da Religião*. São Paulo: Ática 1997.
- <sup>13</sup> Cf. E. LEVINAS, *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Petrópolis: Vozes, [1991]1997.
- <sup>14</sup> Cf. E. LEVINAS, *Totalidade e infinito*. Lisboa: Edições 70, [1961] 2000.
- <sup>15</sup> Cf. L. M. RIBEIRO, *A Subjetividade e o Outro: Ética da Responsabilidade em Emmanuel Lévinas*. São Paulo: Ideias e Letras, 2013; M. FABRI, *Desencantando a ontologia: subjetividade e sentido ético em Lévinas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997; L. C. SUSIN, *O homem messiânico: uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1984.
- <sup>16</sup> Cf. E. LEVINAS, *De Deus que vem à ideia*. Petrópolis: Vozes, 2002, p.102.
- <sup>17</sup> Cf. P. RICOEUR, *O si mesmo como um outro*. Campinas: Papyrus, 1991.
- <sup>18</sup> Cf. M. FOUCAULT, *El sujeto y el poder*. In: DREYFUS, H. – RABINOW, P. (Eds.), *Más allá del estructuralismo y la hermenéutica*. México: UNAM, 1988; C. S. DONDA, *Lecciones sobre Michel Foucault*. Saber, sujeto, institución y poder político. Córdoba: Universitas, 2008, p.19.
- <sup>19</sup> Cf. D. HUISMAN, *Foucault*. In: *Dicionário dos Filósofos*. São Paulo: Martins, 2001, p. 235
- <sup>20</sup> Cf. M. FOUCAULT, *História da loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- <sup>21</sup> Cf. M. FOUCAULT, *O nascimento da Clínica*. Rio: Forense, 2011.
- <sup>22</sup> Cf. M. FOUCAULT, *Vigiar e Punir*. História da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 2007.
- <sup>23</sup> Cf. D. HUISMAN, *Foucault*, op.. cit., p. 236.
- <sup>24</sup> Cf. A. TOURAINE, *Crítica da Modernidade*. Petrópolis: Vozes 1995; A. TOURAINE, *Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes*. Petrópolis: Vozes 1997.
- <sup>25</sup> Cf. C. A. GADEA – SCHERER-WARREN, I., *A contribuição de Alain Touraine para o debate sobre sujeito e democracia latino-americanos*. *Revista de Sociologia Políca*, (2005), 25, p. 39-45, aqui p.41. Disponível (22/02/13) em <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n25/31110.pdf> - Veja também N. B. HAHN, *A questão do sujeito e o sujeito em Alain Touraine*. *REVISTA DIREITOS CULTURAIS*, (2008), 3(4), 2008.
- <sup>26</sup> Cf. H. BRANDT, *O encanto da missão*. Ensaio de missiologia contemporânea. São Leopoldo: Sinodal, 2006, p. 56-57.
- <sup>27</sup> Cf. J. RATZINGER, J. *Zur Frage nach dem Sinn des priesterlichen Dienst*. *GuL* 41 (1968) 357; apud RASCHIETTI, Stefano. *O Presbítero e a Missão*. Disponível (22/02/2013) em [http://www.cnbb.org.br/site/images/stories/O\\_presbtero\\_e\\_a\\_misso\\_-\\_Pe.\\_Raschietti.pdf](http://www.cnbb.org.br/site/images/stories/O_presbtero_e_a_misso_-_Pe._Raschietti.pdf)
- <sup>28</sup> DOM CANÍSIO KLAUS. <http://www.scj.org.br/padrejairson/?p=186> (acessado aos 22/02/2013)

Checar também: Papyrus é de Lisboa ou de Campinas? (Ricoeur) Martins ou Martins Fontes? São Paulo ou Santos? (Huisman)